

# ORALDINA VAI VOLTAR



Teatro

Paulo Laurindo

Desenho da capa: Bumba Meu Boi – Severino Borges

São Paulo, Julho/2016

# *Oraldina Vai Voltar*

Um ato de Paulo Laurindo

## **Escuro. Canto Inicial**

O meu boi morreu/Que será de mim/Vou buscar  
outro, maninha/Lá no Piauí...

**Luz. Quatro mulheres e um homem com um brinquedo (aro e arame). Oraldina, a mãe, diante de uma almofada de bilros, tece. Ouve-se uma quase música do entrechoque dos bilros. As filhas: Eveline, embala um berço vazio; Josélia, cuida maternalmente de uma boneca; e, Dagmar, manuseia um terço, reza em voz baixa.**

## **Eveline**

Um dia tive um filho.

## **Josélia**

Um dia fui inocente.

## **Dagmar**

Um dia tive um dom. (**Tempo**)

**Oraldina**

Conta de novo, Eveline.

**Eveline**

Não adianta, mãe.

**Oraldina**

Quem sabe... a tua sorte muda.

**Eveline**

Não quero mais lágrimas...

**Oraldina**

Seja forte, apenas lembre e fale.

**Eveline**

Estou cansada...

**Oraldina**

**(Carinhosa)**

Quem sabe o vento leve tua história pra bem longe e ao fazer a curva ele retorne transformado numa brisa capaz de te sossegar.

**Eveline**

Isto é apenas para quem morre...

**Oraldina**

Mas tu não vai... Pelo menos, não agora. (**Tempo. Ternura**) Conta, conta mais uma vez.

## **Josélia**

Até onde isso vai nos levar, mãe?

## **Oraldina**

Não sei, Josélia. Mas é nosso conforto. Falar é melhor que esconder.

## **Dagmar**

Quando a gente conta parece que dói menos.

## **Eveline**

Eu conto...Minha vida foi assar e comer. Meu marido morreu cedo, me deixando com um filho. Com muito custo, passei num concurso e me tornei funcionária pública. Trabalhei em tudo que foi repartição, sempre servindo cafezinho, recebendo ordens e me escondendo de problemas. Meu menino cresceu. Quase ficou responsável... Lutava mas, lutava contra si mesmo. Mesmo assim, eu ria com ele, um riso seco é verdade mas, um riso é sempre riso, resquício de alguma alegria...Eu ria porque tinha esperança. O pouco que a gente conseguia dava pra sonhar. Mas, ô meu filhinho... pulou de galho em galho até encontrar a filha do deputado... Ó deus, onde é que tu estavas? Como é que, sendo

onipresente e onisciente, não viste a burrada que o meu caçula fez? Nem para avisar no 4B, um telefonema pra vizinha bastava, carta anônima que fosse, mas que tivesse dado o ar da graça naquela noite.... Se eu tivesse sido avisada a tempo, teria partido que nem onça para cima no meu querido safado, dado uns bons trompaços naquela cabeça dura... Meu filhinho... Ô meu menino metido a fazer o que não tem serventia, meu deus. Ali estava eu, a fazer uma bainha de calça... E continuaria, não fosse a agulha, num ato de rebeldia, espetar-me o dedo. Aconteceu alguma coisa, pensei. Aconteceu alguma coisa com o meu Bigu. Olhei para o relógio da parede, na esperança de que ainda fosse horas, na esperança que ainda houvesse tempo... Mas para ele tudo havia se esgotado... Só consegui respirar no dia seguinte quando a polícia chegou em busca de saber se era verdade que naquele quarto e sala morava o tipo que foi encontrado no meio do canavial com o pênis enfiado na boca. Respirar é o modo de dizer. Devolvi o ar. Todo o ar que tinha recebido do mundo, botei pra fora

naquele instante. Joguei pra fora meu desespero, joguei pra fora minha raiva diante da estupidez humana. Por que deputado, por que? A virgindade da tua filha valia tanto? Por que, deputado, por que? Só porque era meu filho? O meu neguinho cantava bem, doutor. Era um garoto afinado, tinha intimidade com as notas...Mataste meu passarinho, deputado. E não contente, mutilou, de modo vil, o meu bichinho. **(Grita)** Quero meu filho de volta! Devolva o meu filho, deputado. Devolva aquilo que a tua menina engoliu. Fique com tua honra mas, me devolve o que é meu de direito. **(Tempo)** O deputado discursou em plenário, puxou palavras abusadas, provou que sua filha havia sido seduzida e estuprada por um desqualificado que, não tendo mais o que fazer na vida, deixou-se matar só para não encarar a sua autoridade de pai e cidadão servente da pátria e de deus e aí apelou para o seu direito de interromper voluntariamente a gravidez da menina... **(Grita)** Não, deputado, esta criança é minha. O senhor não vai matar o meu filho duas vezes. **(Silêncio. Volta-se à mãe)**. Te perdoo por

teres ficado do lado dele?

**Oraldina**

Não tínhamos como provar nada... E depois, ele te ofereceu uma gorda indenização, não foi?

**Eveline**

Aquilo foi confissão de culpa. Dinheiro, mãe... É tudo o que ele tem.

**Josélia**

Parem. Nada do que dissermos vai melhorar alguma coisa. O mundo está cansado de nos ouvir. Devíamos assumir que somos loucas ou que já estamos mortas. Mãe, pra que tudo isto, porque nos chamaste aqui?

**Oraldina**

Porque só temos a nós mesmas... A mim, hoje, me cabe morrer... E a vocês, quero que cuidem para que eu tenha uma boa morte.

**Josélia**

Como sabes? Agora deu pra adivinhar o futuro? Ou será que planejas nos fazer passar por mais uma crueldade?

## **Oraldina**

Confiem em mim... **(As filhas a encaram)** Uma última vez. Não estou indo contra nada... Mas, no meu coração, sei que chegou a minha hora... E quero que seja na presença de vocês... para que possam testemunhar minha sinceridade.

## **Josélia**

Isto me parece medonho. Posso não te amar mas daí colaborar no teu suicídio...

## **Oraldina**

Não peço isto. Tampouco peço que se tornem assassinas. Porém, sei... talvez seja uma decisão que eu mesma tenha tomado a muito tempo atrás... Estou pronta para morrer. E este meu último ato será o meu modo de fazer finalmente alguma coisa por vocês. Se minha vida serviu de quase nada, pelo menos a minha morte sirva para que vocês possam recuperar aquilo que perderam. Este será o meu legado.

## **Eveline**

A senhora está me assustando...

## **Dagmar**

Não desejo nenhum sacrifício da tua parte...

## **Oraldina**

De tanto verificar que a morte não nos pertence, decidi conquistar minha maior liberdade, o direito de tomar para mim, a minha própria morte. Eu estou preparada...

## **Josélia**

Isto não me parece certo...

## **Dagmar**

E nem um pouco cristão.

## **Oraldina**

Do que tens medo, Josélia?

## **Josélia**

Eu, medo, mãe? Nunca pude me dar este direito. Sempre tive que ser forte e aguentar e lambar calada minhas feridas.

## **Oraldina**

Não se trata de saber quem de nós é a mais sofredora. Não se trata de saber quem de nós mais deseja a morte...

## **Dagmar**

É natural, mãe, desejar morrer?

## **Oraldina**

Só desejo encontrar finalmente a minha paz.

**Josélia**

Eu já morri, mãe, várias vezes. Morri menina, morri moça... Morri de amor, de engano, de desejar ser diferente... Morri de não conseguir... Morri de tanto pensar... E a cada dia era como se repetisse tudo outra vez.

**Oraldina**

Ah, se eu pudesse ainda te pegar no colo?

**Josélia**

Farias diferente?

**Oraldina**

Ah, se eu pudesse voltar o tempo...

**Josélia**

Porque não impediste...?

**Oraldina**

Corvardia, filha, covardia. Eu desisti antes de tentar...

**Josélia**

Não podias tê-lo acobertado.

**Oraldina**

Eu sempre fui velha...

**Josélia**

Podia ter me protegido.

**Oraldina**

Mas eu protegi...

**Josélia**

Acaso estas cicatrizes são a prova da tua proteção?

**Oraldina**

Não mostres pra mim, filha... mostre pra eles.

**Josélia**

São meus troféus. Minhas cicatrizes. Eu queria tanto ganhar de papai Noel uma boneca de cabelo louro e cintilante. Eu esperava tanto do futuro. Porisso não me importava quando tu me castigavas sem que eu soubesse o motivo.

**Oraldina**

Foste uma menina linda. Causavas alvoroço.

**Josélia**

Pois é, julgamos, culpamos e punimos os outros, baseados nas nossas próprias escolhas, guiadas quase sempre pela ignorância ou incompetência em arriscar-se ser de outra forma. Pois é, como eu poderia ganhar aquela boneca de papai Noel se não fizesse o que me mandavam fazer? O caminhonheiro foi muito convincente, lembra?

Pedi-me que fizesse bem feito porque papai noel só atende aos pedidos das meninas boazinhas.

### **Oraldina**

Te castiguei para que não viesse a gostar...

### **Josélia**

Melhor seria que tivesses me ensinado a gostar. (**Tempo**) Naquele ano, papai noel não cumpriu seu papel nem no ano seguinte mas, as minhas pernas grossas e meus seios empinados aceitaram os chamegos da professora primária, do guarda, do padeiro, do sacristão e de dois ou três doutores que às sextas-feiras davam plantão nesse buraco que chamamos de cidade. Daí reparei que para ganhar o que quer que fosse deveria que ser mais que boazinha, deveria tornar-me uma colecionadora de cicatrizes, afinal o que me pediram daí em diante passou a doer mais que o costumeiro. Não demorei muito a perceber que, ao invés dos aguardados presentes ia, isto sim, acumulando dores, dores, sempre mais dores, não só na pele, mas dentro, lá onde ninguém chega, lá onde só a gente sabe o quanto dói uma saudade. Aquilo pra mim virou uma

missão. Não gostava nem desgostava, era a minha parte nesse imenso latifúndio. Lembra desta aqui, mãe? (**Mostra uma enorme cicatriz no rosto**) Ganhei quando tinha quinze anos. Daí em diante não me ocorreram novidades. Não havia dor que eu já não tivesse sentido antes. Minha dor é de antemão. E quando aprendi tudo que tinha que aprender, passei a consentir, consentir com tudo, desde que fossem rápidos. Só não permitia que fossem imprecisos. Só os deveras experientes puderam, por sua confiança e inventividade, galgar o acidente humano que me tornei. E se acaso topasse com um novato na arte de fazer sofrer, pedia que controlasse a respiração, que se salivasse antes do golpe, melhor que estancasse, não havia sido talhado para tais vôos. Mas diante daqueles que babavam ao me ver entregue aos seus caprichos, pedia que aproveitassem e que jogassem por terra o último vestígio de humanidade que acaso ainda nutrissem em seus rudes peitos. Já me deixei levar por muitos covardes, por mansos, crédulos, por moralitas e até por donzelas e matronas

invejosas da minha liberdade e resignação. Eu, sempre atraída por aqueles que machucam por machucar, que não aguardam qualquer recompensa senão a imediata satisfação e que, arrogantes, cospem sempre no prato que comem. Mas afinal, ganhei a minha boneca. Cuido dela como cuidaria de mim mesma. Banho-a, costuro-lhe roupas novas, deixa-a à janela para apreciar a tarde, levo-a para passear, conto-lhe histórias, falo do amanhã, de quanto estiver crescida... falo dos garotos, das suas brincadeiras irresponsáveis, do primeiro beijo, do primeiro sutiã, da primeira menstruação, falo de todos os príncipes encantados dos quatro cantos do mundo, ensaio com ela subidas ao altar, falo da primeira noite, das noites seguintes, dos filhos que virão, dos netos e, sobretudo, da minha satisfação de vê-la sempre com este sorriso no rosto... Ah, bochechas rosadinhas que gosto tanto de beijar e apertar. **(Tempo)** Desculpem, sou uma tola. **(Dagmar aproxima-se)** Afaste-se. Não quero piedade. Por favor, não me matem de verdade.

## Dagmar

Não devemos permanecer agarradas às nossas mágoas. Elas nos afundam. Temos que aprender a nadar para alcançarmos a superfície e possamos respirar longe da pestilência das nossas impossibilidades. **(As três olham para ela. Silêncio)** Que foi? Eu também posso me expressar, não posso? Até aqui só tenho ouvido os outros. Até aqui só ouvi vozes alheias... Haverá um dia em que ouvirei a mim mesma? Haverá um dia em que seguirei apenas o que meu coração mandar?

## Oraldina

Destino, Dagmar, destino...

## Dagmar

Era meu destino passar naquela rua naquele instante? Porque a vida é assim, tão instantânea. Numa hora tudo está no lugar, tudo parece fazer sentido e de repente o assombro, o monstruoso salve-se quem puder. O que tinha eu de passar por aquele lugar naquele dia? Levava minha vidinha, de cá pra lá, de lá pra cá... passinho apertadinho, miudinho, trocadinho, crentinha em

deus e na misericórdia divina, apertadinha naqueles trens da central... Eu só queria que o Juvenal, meu ajudante de pedreiro desnutrido, pensasse em montar casa pra gente ter um bocado de filhos para ajudar nas despesas. Mas cadê poder. Deus parece não gostar de nós e do que andamos fazendo. Quantas enchentes ele já não mandou? Quantas mortos e feridos em tantas catastrofes naturais ou não? Porque aquela era diferente? Porque ali eu tive meu primeiro espasmo? Aquela descarga elétrica. Como se eu tivesse abraçado um monte de fios descascados... como se tivesse engolido um liquidificador... E, aquele gosto de sal a escorrer do nariz. E aquela agonia, aquela voz fininha, fraquinha, aquele exausto cansaço... a me pedir: diz, diz aonde estou, Dagmar. E aí, Juvenal me segurou, sem entender, espantado e logo buscou ajuda num surrado salmo, pensando que era encosto. Pobre Juvenal, tão limitado. Nada ouvia. Enquanto em mim, a voz insistia. E de repente, evaporou. Tudo não passou de um engano, de um equivoco, talvez uma indisposição. Será que eu

estava ficando doida? Mas, na manhã seguinte, ao passar naquela ponto onde antes era uma esquina, onde alguns insistiam em buscar restos de lembranças, senti um agulhão na nuca e caí chorando na frente de todo mundo. Seria uma vergonha não fosse o pedido de socorro vindo do oco de sei lá onde. Um gari decidiu cavoucar na direção da onde meu grito apontava. E não é que tinha um corpo esquecido por lá? Um só não, dois: uma mulher agarrada ao seu bebê, sufocados os dois, espremidos sob toneladas de entulho. O que se dava por perdido foi encontrado e pode ter um enterro decente. Pois é, os mortos falam. Os mortos continuaram falando através da minha voz invisível. E eu deixei, e se espalhou e todo mundo vinha pedir: deixa santinha, deixa os mortos dizer onde estão. Porque nós queremos dar sepulturas digna aos nossos. Ninguém merece ficar sem funeral, sem enterro... Mas hoje vejo que não eram os mortos. Não era ninguém em especial. Era um passado, uma longa história de dores, desespero e esquecimento, um universo que talvez sempre existira dentro de mim,

adormecido, inconsciente... Aquilo foi apenas uma forma de acesso. Mas quem era eu para dizer ao padre e ao pastor que aquilo não era coisa de satanás, que aquilo não ia contra nenhuma religião? E enquanto era empurrada para a negação, a multidão clamava: faça-nos o favor filha de deus, traz a voz da minha mãe, do meu filho, da minha netinha, do meu marido, do meu primo, do meu irmão, da minha vizinha, do meu conhecido... Estavam todos cansados de desespero... E aquele mar de gente, oceano de corpos ressurgidos, imensidão de almas que antes vagavam escondidos, puderam ser encontrados, trazidos à luz e ao seio dos agradecidos parentes. Um a um, permiti que, de dentro de mim, apontassem o rumo dos seus corpos. Possibilitei a todos um último instante de dignidade. (**Tempo**) Porém, de tanto amanhecer o mundo, um dia anoiteci. Foi se nunca aquilo tivesse acontecido. De repente, todos sumiram: os vivos, os mortos... Tudo dera um tempo. E eu voltei ao limbo. Juvenal, sem morrer, de volta aos vagões do silêncio e do esquecimento, nunca

mais quis me ver.

### **Oraldina**

Rezei tanto para que aquilo acabasse... Temia  
pelo teu abismo.

**(Silêncio. As mulheres pressentem algo no ar)**

### **Homem**

Estala, meu coração, mas seja brando  
Preciso terminar o dia.  
Por que a pressa? Não te apoquentes  
Se queres estalar, estala  
Mas, estala feito casca de semente.  
Estala, mas não estales inutilmente  
Nem deixe que a dor súbita te cause espanto  
Porque a dor, esta dor, nunca tem pena  
É sempre igual, dor é dor e não combina  
Com o que tu, meu coração, dizes que sente.

### **Oraldina**

Cala-te. Não quero, ninguém quer ouvir tua  
história.

### **Homem**

Certas histórias são difíceis de contar. Porém,

toda história merece ser contada. Era um menino... Pequeno e magricela... vivia dentro de um calção surrado. E o olhar do menino descansava sobre a estrada que serpenteava um morro... e havia um leito seco de rio... uma cerca e um casebre... E o menino olhava muito pro céu... reconheceu uma nuvem negra que se aproximava... e o menino desceu manobrando com um arame uma roda de velocípede. E quando se aproximou de casa...

**Homem**

Vai pra onde?

**Menino**

Tomar água.

**Homem**

Pode beber aí fora mesmo.

**Menino**

Cade mãe?

**Homem**

Tá ocupada.

**(O menino olha em volta e quando vai entrar o homem barra-lhe a entrada)**

**Homem**

Já num disse...?!

**Menino**

Eu quero mãe!

**(O Homem empurra)**

**Homem**

Hoje ela é minha.

**(Menino acocora-se e fica rabiscando o chão com o dedo. Uma jovem mulher envelhecida, surge. O menino levanta-se esperançoso)**

## **Mulher**

Aproveita para buscar lenha. (**Grita**) E não esqueça de encher os potes.

## **Menino**

Um dia ainda acabo com essa desgraça.

## **Homem**

O diabo quando não aparece manda sempre um mensageiro.

## **Militar**

Viu este homem por aqui? (**Mostra-lhe uma foto**)

## **Menino**

Tá lá em casa.

## **Militar**

Sozinho?

## **Menino**

Com mãe.

## **Militar**

Vá pra lá... se esconda...

**Menino**

O senhor vai prender ele?

**Militar**

Prender dá muito trabalho.

**Menino**

Que ele fez de ruim?

**Militar**

É gente que não presta e pronto. Anda, some...  
faz o que eu mando, peste (**Tempo. Grita**)  
Eleutério, sujeito, se apronte!

**Homem**

(**De dentro**) Tô sempre pronto, macaco!

**Militar**

Se ajeite, cabra safado.

**Homem**

Chega de morte, sargento.

**Militar**

Sou pago para acabar com o mal desta terra.

**Homem**

Mentira. Tu mata porque gosta.

**Militar**

Homem, eu num tô aqui pra filosofar. Num gosto de gastar saliva atoa. Saia logo dai, e desarmado.

**Homem**

(**Saindo**) Grande homem... o maior de todos...!

**Militar**

Sou um cumpridor das minhas obrigações.

**Homem**

(**Abre os braços**) Mentira. Tu só sabe obedecer.

**Militar**

Deixa de chincana. Vá andando na direção da estrada...

**Homem**

Quem te disse que eu tava aqui?

**Militar**

E adianta. Teu fim chegou.

**(O menino se aproxima)**

**Homem**

Adivinha, qual de nós dois é o teu pai?

**Menino**

Nunca tive pai!

**Homem**

Todo mundo tem um pai.

**Militar**

Sai de perto dele...

**Homem**

Conta pra ele, sargento... conta pra ele quem é o pai e o que ele faz pra ganhar a vida.

**Militar**

Só prometo te vou te matar rapido, Eleutério.

**Homem**

Qual de nós dois é o pior?

**Mulher**

(Entrando) Pingo, cadê a lenha?

**Militar**

Eu sou. (Disparam)

**Mulher**

Minha nossa senhora.

**Menino**

Qual dos dois era meu pai, mãe?

**Mulher**

Nenhum filho, nenhum. Os dois pensavam que eram donos do mundo, isso sim. Que mandavam em mim, que podiam fazer e acontecer comigo e ficar por isto mesmo. Mas agora estou vingada. Vamos, não fique aí parado, me ajude a enterrar estas pragas.

**Menino**

Eu não quero...

**Mulher**

Vais ficar contra tua mãe? Quem te carregou por

nove meses na barriga? Quem te deu de comer todos estes anos? Quem se transformou num mulambo, vendendo o corpo a troco de tostões, só para que tu continuasse vivo? (**Menino perplexo**) Quer saber, dane-se. Faz da tua vida o que bem entender. (**Tempo**) Mas não me olhes assim. Não quero viver assombrada por teus olhos. Eu não fiz nada. Eu não matei ninguém. Pára de me olhar assim. Sou a parte fraca desta história entendeu, sempre fui. (**Homem geme**) Desgraçado, ainda tá vivo. (**Pega a arma do militar**) E tu? Deixaste o serviço pela metade. Tudo eu, sempre eu... (**Atira. Tempo. Encara o menino**) Eu sou tua mãe, entendeu. Nesta e em qualquer outra vida... (**Ternura**) Não me deixes. (**Olha o céu**) É... Parece que vai chover. Preciso tirar a roupa do varador!

**(Homem com seu brinquedo gira pelo palco. Produz um ruído lento e irritante. Um pio de coruja atravessa cena)**

**Oraldina**

A rasga mortalha! Preciso arrumar minhar coisas.

**Eveline**

É o presságio?

**Josélia**

É o agouro?

**Dagmar**

Valha-me Deus!

**Oraldina**

Preciso arrumar a casa.

**Filhas**

Oraldina vai morrer... Oraldina vai morrer...

Oraldina vai morrer...

**(A frase se espalha. Vizinhos ajudam a propagar.  
Inversão)**

Oraldina vai voltar... Oraldina vai voltar... Oraldina  
vai voltar...

**Oraldina**

Não. Eu não quero voltar. Não aguentaria morrer  
duas vezes. A não ser que eu esqueça. **(Ao  
homem)** Me ajudaria a esquecer?

(Homem levanta-se e tira Oraldina pra dançar uma valsa. As filhas recolhem os objetos. Deixam no palco apenas a almofada de bilros. Oraldina deixa-se levar. Mudança de tom. Atração e repulsa. Choque. Homem posiciona espelhos em torno de dela. Oraldina ao ver-se refletida grita silenciosamente, um grito agudo e prolongado. As filhas assustam-se, recolhem-se. Vizinhos apavorados buscam qualificar o grito)

### **Vizinhos**

Que sucesso é este? Oraldina não faz sentido. E estes gritos... Horror... Labaredas... Queimaduras... Secura braba... Garganta arranhada... Navalha... Cacos de Vidro... Álcool na ferida... Osso quebrado... Pavoroso...

### **Oraldina**

(**Crucificada**) Uma vez mastiguei uma hóstia...

### **Filhas**

(**Censuram**) Oraldina.

**Oraldina**

Furtei, roubei, menti...

**Filhas**

Oraldina!

**Oraldina**

Sacrifiquei cada uma de vocês...

**Filhas**

Oraldina!

**Oraldina**

Mas eu só queria fazer o bem... Ver a felicidade de vocês...

**Filhas**

Oraldina!

**Oraldina**

Sim, eu o mutilei...

**Filhas**

Oraldina!

**Oraldina**

Eu faria diferente, sim... eu faria diferente. Não quero ir pro inferno.

**Filhas**

Desce, Orô, desce... Teus pecados são nossos!

**Oraldina**

Não. Eu sou um monstro.

**Dagmar**

Não. Não és um monstro, foste apenas humana.

**Oraldina**

O que isto faz de mim?

**Dagmar**

Uma mãe, quem sabe...

**Josélia**

E talvez morras de verdade...

**Eveline**

Morte digna...

**Oraldina**

É isto que vocês querem? Vingança? Fui tão má assim?

**Dagmar**

Não, mãe... apenas foste...

**Josélia**

Madrasta...

**Oraldina**

Devo enlouquecer? Sair pelas ruas gritando meus sofrimentos? Culpar a todos pelas minhas desgraças?

**Josélia**

Apenas morra tua morte, mãe.

**Dorinha**

(Entra) Não antes que eu conte minha história...

**Oraldina**

Dorinha... Vieste por fim... Farás coro a elas?

**Dorinha**

Não, mãe... Sou grata a ti.

**Eveline**

Porque demoraste?

**Josélia**

Sempre atrasada.

**Dagmar**

Chegaste enfim...

**Oraldina**

Conta, filha. Conta como foi tudo por lá.

**Eveline**

Sempre bonita, jeitosa... Pelo que vejo não perdeste o estilo.

**Dagmar**

E cheira que nem flor de laranjeira misturada com jasmim.

## **Josélia**

Alta, atlética, pele de veludo, cabeleira preciosa,  
dente alvíssimos e unhas afiadamente  
cintilantes...

## **Oraldina**

E não esqueçam das covinhas neste sorriso  
encantador...

## **Dorinha**

Mas a muito tempo perdi a vergonha...

## **Oraldina**

Sempre desaforada, esta minha filha...

## **Filhas**

Presunçosa, insolente, oportunista... nossa irmã.

## **Dorinha**

Conheci um moço... Zé Wanderley... Bem posto,  
relações excelentes, um monte de diplomas e  
fotos com personalidades na parede... Vive sendo  
citado nas colunas sociais, tinha trânsito livre se  
não em todos, ao menos nos mais atapetados e  
limpinhos corredores e salões de portas  
escancaradas ao sussurro do seu nobre nome...  
Estufa-se por compreender as armadilhas das  
aparências e dos meandros desta vida cheia de

salamaleques e nove horas... Porém, arrasta um defeito... gosta de xumbregar. (**Risos**)

### **Josélia**

Parece que juntou a fome com a vontade de comer.

### **Dorinha**

Mas eu queria mais, muito mais e o Zé também... Ah, como queria, tremia de tanto querer. (**Risos**) Conversa vai, conversa vem, ficamos íntimos (**Exibe um grande anel no dedo**). Daquele tipo de intimidade que nem às paredes se confessa. Ele, a gosar do meu deleite, tratado a pão de ló, a se lambuzar qual menino que descobre todas as possibilidades de um mundo repleto de delícias. E eu, dando corda e muito mais, pois sempre quero mais... Queria ir além mas, ele cuidava de empurrar com a barriga...

### **Eveline**

Noivaram?

### **Dorinha**

Sim... mas isto não é garantia de nada. Quando eu perguntava quando íamos nos casar ele dizia que logo, que deixasse o tempo melhorar. O

problema é que nunca tive tempo de sobra. E aí comecei a encontrá-lo na saída da repartição, no bar, na igreja onde ia rezar o terço toda terça na companhia de devoto grupo do Sagrado Coração... Até no cemitério apareci... Toda primeira sexta-feira do mês, ele vai, religiosamente, depositar flores no túmulo da finada... não sei se esposa ou mãe... Quando senti que era hora de me lançar com tudo, cheguei em pleno expediente dizendo que estava muito afim de comida japonesa e de uma esticadinha...

### **Oraldina**

Isto não se faz, menina... Pressionar um homem tanto assim!

### **Dorinha**

Pois é. Wanderley pesou, mediu, riscou e rabiscou, isolou as variáveis, consultou tabelas, gráficos, planilhas... traçou uma curva de tendência logarítmica, fatorou os resultados e penso que teve diante de si um enredo de filme catastrophe.

## **Oraldina**

Não brinca.

## **Dorinha**

Foi o que eu disse pra ele: está pensando que é brincadeira, é? Euzinha descartada, qual meia furada? Vandeco, fala sério... Você acha que pode se divertir, comer do bom e do melhor, repetir o prato sem qualquer cerimônia e depois, assim na maior, chegar pra mim e dizer que não quer mais, que simplesmente acabou? Olha, minha mãe, que deus ainda a tenha nesta terra, sempre me dizia: rapadura é doce mas não é mole não. E naquela hora senti que ele queria me esganar diante de toda aquela audiência... Talvez me afogar numa banheira de hotel... Eletrocutar-me com um secador de cabelos... Quem sabe servir-me comida estragada... Ou me fazer beber água envenenada... Talvez tenha pensado que com uma boa banca poderia pegar uns quinze anos, cumpriria dois... Ah, como a vida é bela! Mas aí, eu cortei logo aquele barato: Pode tirar desta sua cara sem vergonha este ar de quem elabora conspirações contra a minha pessoa, sei muito

bem me defender, viu. Estás vendo estas unhas? Já abri uma avenida na cara de um sujeito duas vezes maior que você, seo moço. Dorinha, fale baixo, estamos em público, mulher! Fale baixo o cacete. Você me seduz com conversa mole e agora pede que eu fale baixo. Pois sim, vou gritar a plenos pulmões para que a secretária, o boy, a moça do café, os porteiros, os faxineiros, os seguranças, teus pariceiros, o teu chefe, o chefe dele, o chefe do chefe de todos os chefes – raios que os partam todos... Para que a cidade, o estado, o país, o mundo, o planeta, o universo e o fundo do fundo de todos os buracos negros desta e de todas as galáxias deste contínuo espaço-tempo saibam o pinto pequeno que é o senhor José Wanderley Mendonça de Albuquerque Figueiredo e Morais. Enjoou da fruta, neném? Agora vai ter que comer o caroço.

**Dagmar**

Meu Jesus...

**Dorinha**

**(Abre a bolsa. Mostra maços de dinheiro)** Para minha glória, ainda se fazem homem como

antigamente.

**Dagmar**

Coitado.

**Dorinha**

Pior não foi ter que morrer nesta grana toda, pior foi figurar entre os comédias da praça. É o que sempre digo: aqui se faz, aqui se paga. Basta encontrar um igual.

**Oraldina**

Agora sim, meninas... Não tem mais volta.

**Dorinha**

(**Às irmãs**) Que foi, endoidou?

**Josélia**

É melhor entrar no jogo...

**Dorinha**

Que jogo?

**Eveline**

O último da nossa mãe...

**Dorinha**

Não contava que fosse agora, não quando consegui trazer alguma alegria.

(**Olha pro dinheiro**)

## **Oraldina**

(**Ao homem**) Tu não pode ir comigo, viu... Agora vais ter que se virar sozinho... Agora é cada um por si... Conseguirás?

(**Começa a dizer incongruências, coisas indizíveis**)

## **Vizinhos**

O que é, o que é? O que que ela tem? Ninguém sabe. Caiu doente, possessa. Assim: do dia pra noite, do nada. Vixe, Maria... Credeuspai, três vez...

## **Oraldina**

(**Se insinua para o homem**)

Fui no tororó/Beber água/Não achei/Encontrei  
bela morena/Que no tororó deixei/

Ó Mariazinha/Do meu bem querer/Se não entrai  
na roda, acabarás sozinha/

Sozinha eu não fico/nem hei de ficar/ Porque  
tenho você/ Para ser meu par/

## **Dagmar**

Esta é a mãe que eu nunca quis perder...

## **Oraldina**

O cravo brigou com a rosa/Debaixo de uma  
sacada/O cravo saiu ferido/ A rosa despedaçada

## **Josélia**

Porque não foste sempre assim?

## **Oraldina**

**(Às filhas)** Era uma vez... Um gato xadrez. Subiu  
no armário...Pegou um biscoito. A dona surgiu. O  
gato correu. Pulou para o galho. O galho quebrou.  
Foi pro hospital. O hospital é de ouro. O ouro  
acabou. Que fim levou? O gato comeu. Cadê o  
gato? Sumiu! Gatinho, psiu... bichano, psiu, psiu!  
**(Encontra o gato)** Onde você se escondeu, seu  
sapeca? E o que viste por lá? Mentiroso! Não vejo  
nada. Só nuvem... parece algodão... Vês o que?  
De quem? Nunca ouvi falar de tal princesa...

## **Eveline**

Conta mãe, conta.

## **Oraldina**

É uma história muiiiiiiiiiito longa.

**(As filhas sentam em torno da mãe, alguém bota a  
cabeça no seu colo, ela faz cafuné)**

**Oraldina**

E Rosália?

**Eveline**

Ela não vai poder vir mãe.

**Dagmar**

Talvez telefone... Ou mande uma carta.

**Oraldina**

Ela está bem, não está?

**Josélia**

Ela vai ficar melhor que todas nós.

**Oraldina**

É... Fomos boas professoras. Demos mau exemplo de sobra. **(Risos. Silêncio)** Me deu vontade de dançar. Bota uma música pra eu ouvir. Gostei dele no primeiro momento que o vi. **(Aponta o homem)** Mas não era um gostar assim de coração. O ele que tinha de trabalhador, tinha de ignorante e mau. Nunca deixou faltar nada dentro de casa mas mantinha a chibata pendurado na parede da sala. Cada vez que ele abusava de uma de vocês era como se enfiasse uma faca no meu coração. Quantos maus tratos! E ainda por cima sua lascívia...? Quantas vezes

quis interromper! Mas tudo que fiz foi fechar os olhos e botar sal em suas feridas.

### **Josélia**

Ele mereceu a mutilação.

### **Oraldina**

Não fui quem o mutilou. Foi ele mesmo. Escolheu morrer em vida, ficar cego ao mundo à sua volta. Medo das consequências. Medo da verdade. Ele nunca teve coragem pra bada, teria coragem pra morrer? Aliás, ele não saberia qual morte escolher. Porisso não soube viver. Pra viver, é preciso aprender a morrer. (**Silêncio**)

### **Dagmar**

O que a gente pode fazer, mãe?

### **Oraldina**

Cantem, minhas filhas, cantem. Comemorem. Ah, não quero receber visita de mulher grávida... Pode perder a criança... E eu não quero que ninguém perca a criança... (**Tempo**)

O primeiro foi seu pai/O segundo seu irmão

O terceiro foi aquele /Que a Tereza deu a mão

Da laranja quero um gomo/Do limão quero um pedaço

Da garoto mais bonito/Quero um beijo e um abraço...

Eu morava na areia...

**Filhas**

Sereia...

**Oraldina**

Me mudei para o sertão.

**Filhas**

Sereia...

**Oraldina**

Aprendi a namorar

**Filhas**

Sereia...

**Oraldina**

Com um aperto de mão.

**Filhas**

Ó sereia!

**Oraldina**

Cravo branco na janela

**Filhas**

Sereia...

## **Oraldina**

É sinal de casamento.

## **Filhas**

Sereia...

## **Oraldina**

Menina pegue o seu cravo.

## **Filhas**

Sereia...

## **Oraldina**

Que ainda não é tempo.

## **Filhas**

Ó sereiá!

## **Dorinha**

A barata diz que tem sete saias de filó

## **Oraldina**

É mentira da barata ela tem é uma só. Ah, ah, ah,  
oh, oh, oh, ela tem é uma só.

## **Josélia**

A barata diz que tem uma cama de marfim.

## **Oraldina**

É mentira da barata ela dorme é no capim. Ah, ah  
ah oh, oh, oh ela dorme é no capim.

**Eveline**

A barata diz que tem um sapato de veludo.

**Oraldina**

É mentira da barata o pé dela é cabeludo. Ah ah  
ah, oh oh oh o pé dela é cabeludo.

**Dagmar**

A barata diz que tem um anel de formatura.

**Oraldina**

É mentira da barata ela tem a casca dura. Ah ah  
ah, oh oh oh ela tem a casca dura.

**Filhas**

A barata diz que tem uma irmã que é pianista.

**Oraldina**

É mentira da barata a irmã dela é vigarista. Ah ah  
ah, oh oh oh a irmã dela é vigarista.

**Dorinha**

Não sei que mais a gente pode levar desta vida?

**Oraldina**

(Tempo) Por onde anda a Belinha?

**Eveline**

Está viajando, mãe... Foi levar encomenda.

**Oraldina**

Mande um telegrama... Peça pra ela voltar.

**(Para o marido)**

Quando chegar vou me esconder atrás da porta que é pra dar um susto nela.

**Vizinhos**

De onde vem este cheiro? Oraldina fez paçoca?  
Do que eles riem tanto? Será que prepararam uma festa?

**Oraldina**

Quero cafuné. (**Josélia se adianta**) Dorinha!

**Josélia**

Sempre com suas preferências...

**Oraldina**

Nunca tive preferência por uma ou outra... puxei a orelha de todas vocês, igualmente.

**Josélia**

Mas na hora do cafuné...

## **Oraldina**

Não a culpe por ter mãos de veludo. (**Tempo**)

Quero que costurem uma mortalha... Quero ir vestida que nem santa... Mas não usem máquina, a mortalha tem que ser costurada à mão.

## **Dorinha**

Já está tão perto assim?

## **Eveline**

Mais do que você imagina...

## **Oraldina**

Prometam.

## **Filhas**

Prometemos.

## **Oraldina**

**(Ri até a gargalhada. Repara no mundo à volta)**

Que mosca mais sem graça... que formiga pequítica... pra que tantas pernas, aranha?... ô bode velho, pára de comer porcaria... quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? (**Ri**) Quero chupar carambolas... Tão me vendo? Tão me vendo nada, estou invisível, seus bestas. (**Ao homem,**

**declama)** Andorinha no coqueiro/Sabiá na beira-mar/Andorinha vai e volta/Meu amor não quer voltar. Que foi não gostou? Ai, que homem enfezado, meu deus... Porque nunca me deste um beijo de verdade? Tu não saberias, não é verdade? **(Toca o telefone)** É Rosália?Ela quer falar comigo? Atendam, atendam logo que tenho muito que ouvir da minha neta.

### **Dagmar**

Toma, mãe, atende.

### **Oraldina**

Rosália, minha esperança... Perdeste alguma coisa? Me conta o que tens pra contar.

### **Rosália**

Penso que perdi a ilusão, vó. **(Risos)** Sabe, desde que saí daí não paro de pensar no que seria minha vida se eu tivesse me casado com o Joel. Acho que foi melhor assim, agora tenho certeza de que meu casamento com ele não teria dado certo. Ninguém aguenta ser passada para trás assim com ele fez comigo. Na maior cara dura. E

ainda por cima com aquela criatura que eu considerava quase uma parente. Cheguei a levá-la para minha casa quando os seus pais tiveram que se mudar. E deu no que deu, né vó? Na noite em que peguei os dois deitados na minha própria cama só pensei em morrer. Mulher nenhuma merece isto. Ainda mais que eu fazia de tudo por ele. Mas deixa pra lá. Vou levar a minha vida e esquecer. É só disso que preciso. E senhora, como vai? Já encontraste paz? Isto é artigo de luxo, vó. Mas, olha, desejo o melhor pra senhora. Foste uma amiga, sabia? Uma verdadeira amiga. Sinto muito a tua falta. Queria que tivesse outro jeito da gente poder conversar. Olha, por aqui vai tudo mais ou menos. Estou trabalhando numa casa de família. Uma agência de emprego... Ela é médica e ele engenheiro. Mas sabe como é, cada um no seu lugar. Moram num prédio bacana, com piscina, campo de futebol e tudo, numa rua onde não passa ônibus, onde não tem um papel de bala pelo chão e tem segurança pra tudo que é lado. Cada prédio tem, pelo menos, dois homens vestidos de preto no portão e um que fica dentro

da guarida. Tem uns que até estão armados. Às vezes me sinto como se vivesse numa prisão. Mas é quase isto mesmo, meu quartinho não tem janela e parece uma gaiola, tão apertado. Se eu tivesse mais estudo talvez conseguisse um emprego melhor mas, isto ainda vai demorar, ainda nem terminei o supletivo. Difícil é encontrar tempo para estudar. Mas eu vou conseguir. Sim, eu vou. Quer ouvir minha rotina? Começo às cinco e meia e tem dia que só consigo parar depois da meia-noite. Folgo apenas uma vez por mês. Mas não é disto que reclamo. O que me deixa mais triste é o modo como sou tratada pelos patrões. A mulher vive me repreendendo... Que não devo falar alto, que falar alto é falta de educação... E o marido não perde ocasião de dizer que falo errado, vive corrigindo tudo que falo, chega a dar agonia. É tanto não devo, não devo isto não devo aquilo, que não devo assistir novelas, que não devo ver programa de auditório... O que devo assistir então? Na minha televisão só pega isto. Não é que nem a deles, que parece uma janela, pendurada na parede e só passa programas em

inglês. Como é que eu posso ter uma dessas se o meu salário mal dá pra eu guardar um pouco e mandar todo mês o que prometi pra senhora? Outro dia, a patroa disse que devo sempre andar de uniforme quando saio na rua, mesmo nos dias de folga, que a cidade é muito violenta, que é para eu não ser confundida com ladrão. Vai vendo. Isto já está me torrando a paciência. Sabe o que mais me dói? É ser tratada como um ninguém. Sabia que nem em sonho empregado pode usar o elevador social? A gente tem uma entrada lateral e só pode usar o elevador de serviço. Parece que nós não somos gente. Esse povo parece que não caga, não mijá, não chora, não tem sentimentos. Às vezes penso que eles acham que estão nos prestando um favor por nos empregar em troca de um salário mal pago. Ah, sabe que já tem dois meses que não recebo nada? Eles foram passar o fim de ano no estrangeiro, passaram quase vinte dias, e quando voltaram vieram com uma conversa que o limite do cartão tinha estourado e que eu aguentasse uns meses até a situação voltar ao normal. Eu perguntei quando eles iam

assinar minha carteira. Disseram que eu não me preocupasse que estavam vendo, que eu tivesse paciência. Tenho deixado eles me enrolarem porque você sabe que não conheço ninguém por aqui e não posso voltar pra casa, não por agora... E sabe do que mais? Tem o filho deles, nem acabou direito de sair das fraldas e vive se engraçando comigo. Sabe o que o safado me disse outro dia? Que se eu deixasse ele entrar de noite no meu quarto, me daria uma televisão bem maior que a que os pais me deram. O danado vive me agarrando por trás, na lavanderia, na cozinha, é só o pai e mãe sair pro trabalho começa o meu calvário. Vivo fugindo do engonço. Ele pensa o que, que sou mulher da vida? A senhora me conhece, sabe que só vou para a cama com um homem que eu amar de verdade. Talvez este dia nunca aconteça, talvez eu acabe mesmo ficando para titia mas não vou ceder de jeito nenhum. O peste parece um artista de cinema. Mas eu sei o que ele quer. Não posso bobear, porque nessa parte eu sou o lado mais fraco da corda. Não quero sair daqui com uma mão na frente e outra

atrás. E se ele me engravidar? Aí sim é que a porca torce o rabo. A família dele vai querer cuidar de mim e do meu filho? Duvido. Pois é, de amargura basta o que já tenho passado. Se pensam que porque a gente não teve a instrução deles não tem caráter, ou é trouxa. Pois estão muito enganados: quem faz aqui, aqui mesmo paga. Veja só como são as coisas. A filha deles, nem se formou e, uma noite, durante o jantar ouvi uma conversa de que ela queria conhecer o mundo. Nossa, parece que a casa veio abaixo. A patroa disse que nem pensar, que ela tinha que continuar os estudos, que gastaram muito com a educação dela e ela não podia fazer isto não, que ela ia ficar sem a mesada e coisa e tal... Sabe o que aconteceu? A moça foi. Juntou o que tinha e foi. Ontem o irmão dela me disse ela que está lá, trabalhando de doméstica para se sustentar. Pode? Só pode ser castigo, não é? Preciso desligar, vó. Mas eu te amo. Aprendi muito contigo. Aprendi a olhar o mundo de fora, à distância. Cada dia fico mais forte. Um beijo.

## **Oraldina**

Foi embora... Meu passarinho foi embora... Foi cantar noutra freguesia... Fará tudo diferente de nós...

## **Eveline**

Ela é a nossa diferença, mãe...

## **Oraldina**

Minha princesinha... (**Tempo**) Eveline, avise ao capitão que abasteça bem a despesa do barco... Vou sentir muita sede na viagem.

## **Eveline**

Que barco, mãe?

## **Oraldina**

O barco que há de me levar de volta pra casa.

## **(Canta)**

Ô boi bonito, oi meu boi marruá

Chega mais pra diante, meu boi paraná.

É lampa, é lampa, é lampa

É lampa, é Lampião/Meu nome é Virgulino

Apelido Lampião.

Sou vaqueiro, meu amigo

Nestes campos de estradá

Vou levando minha sina  
Muita história pra contar.

### **Filhas**

Ê boi, ê boi, ê boi bumbá  
Entra na roda, pra festa começar  
Poerô, poerô, poerô, abre a roda que o vaqueiro  
chegou  
Poerô, poerô, poerô, este boi só entende ao  
mando que eu dou  
Entra na roda, meu boi, vem dançar  
Conta uma história pro povo, vem contar.

**(Evoluções. Boi cai.)**

### **Eveline**

O meu boi morreu, que será de mim  
Manda buscar outro, maninha, lá no Piauí...

### **Josélia**

O meu boi morreu, que será de mim  
Manda buscar outro, madrinha, lá no Cariri

**(Boi se mexe).**

### **Dorinha**

Levanta, meu boi pintado, levanta meu boi camará  
A festa só vai ficar boa quando tu ressuscitar

**(Boi quer se erguer)**

### **Dagmar**

Ê boi, ê boi, boi manhoso, boi da minha alegria  
Levanta boi cheiroso, estrela do norte, flor do dia.

### **Filhas**

**(Dançam em torno do boi)** Poerô, poerô, poerô,  
abre a roda que o vaqueiro chegou/ Poerô, poerô,  
poerô, este boi só atende o mando que eu dou.

### **Eveline**

Levanta meu boi estrela, a lua já vem redonda  
O céu tá luzindo e os peixes pulando as ondas.

### **Filhas**

Poerô, poerô, poerô abre a roda que o vaqueiro  
chegou/Poerô poerô, poerô que este boi só

atende ao mando que dou.

### **Josélia**

Acende a lanterna que a noite chegou

Vou lá no jardim colher uma flor.

**(Passa uma flor no nariz do boi que renasce)**

### **Dorinha**

Ê boi galante que vem, vem/Dançar na roda pro  
povo ver/Ê boi valente que vem, vem/Traga  
alegria pro nosso viver.

### **Filhas**

Ê lá vem o boi! Deixa vir.

Ê lá vem o boi! Perfumado de alecrim.

**(Oraldina cai, as filhas a amparam)**

### **Oraldina**

Prestem atenção, prestem muita atenção. Estão  
prestando atenção? Então... **(Morre)**

## Homem

Com licença. O autor pede que eu diga em seu nome, algumas palavras: *“Minha memória é minha mágica. A filosofia que me desculpe mas os fortes são um saco, os poderosos um asco e eu vivo inchado de maus modos. Minha mãe exigia de mim que comesse todo que ela colocava no prato; minha mulher, exige que eu nunca esqueça as datas que ela considera importantes; meus filhos, que lhe sempre diga sim; e, meu patrão, que eu faça tudo que ele pede... Mas o que de fato, quero mesmo de mim? Porque ninguém exalta a presa que escapa, a curva depois da reta, o passo além da pressa? (Só acredito em boa intenção quando totalmente sem querer). Alguns escrevem pra tanto e tantos pra nenhum... Para mim, basta um dia. Apenas um e me dou por satisfeito. Porque andei à procura da crítica especializada e recebi de ofício o conselho que me tornasse arrimo de família, decidi sair por aí pra nunca mais caminhar. Sim, senhoras e senhores, posso passar por muitos. E não reparem se amanhã eu não sonhar mais. Eis que*

vivo de algumas poucas horas. Tudo pra mim é último. Pouco é subir com os pássaros. Considero quatro fontes de prazer genuíno: Comer, dormir, banhar-se e amar. Tudo o mais é passatempo. Se me perguntarem hoje o que penso da vida, diria que não lamento. Apenas gostaria que tivesse sido diferente. A começar pelo meu nascimento. Se pudesse, não nasceria no dia em que nasci. Talvez nem nascesse. Daria um jeito para que meu pai e minha mãe jamais se conhecessem. Além disto, a Terra da Santa Cruz jamais teria sido alvo da cobiça; Galileu jamais observaria as fases da lua; Os romanos não dominariam o mundo; nenhum troglodita descobriria o fogo ou inventaria a roda. Aliás, no livro que escrevo, não haverá Big Bang, e jamais este universo surgiria do nada ou por obra de uma mão divina qualquer. No meu livro, deixarei as primeiras páginas em branco e lá pela centésima nona rabiscarei um bocejo e largarei pra lá, porque chegarei à conclusão de que viver as vezes cansa. Ai de mim, não fosse a poesia, esta invenção feminina, gênese da verdadeira religião. Talvez por isto este

*tema morte. É que alimento cá uma ideia de cavar um poço, alcançar a Praça da Paz Celestial e ser recebido pelo Imperador. Fazer quem nem Calvino que inventou Marco Polo diante de Kublai Khan... Ah, como eu queria chorar por conceber maravilhas de jamais conhecer... O mundo todo me pertence e por me pertencer me escapa. Difícil reconhecer. Terminei assim: afinal serei um dia apenas estas palavras. E se você passear por mim não te darei a chance de me encontrar. Estarei vestido daquilo que amo, passeando por terras distantes, em um livro cuja escrita encontrasse encoberta pelas areias de uma praia, numa ilha que esqueci”.*

**(Oraldina, toda de branco sob tábuas em cavaletes. As filhas, de preto. Pose fotográfica. Sorriem)**

**Eveline**

Mãe está linda, não está?

**(Dorinha ajeita a mortalha. Flash)**

## **Canção**

O meu boi morreu/Que será de mim/Vou buscar  
outro, maninha/Lá no Cariri...

**(Pio de coruja atravessa a cena. Tempo)**

**Josélia**

Por hoje, basta.

**Dorinha**

Quem será a próxima?

**Josélia**

Deixa a coruja piar...

**(Riem e saem)**

**Dagmar**

**(Sozinha, Reza. Sente um arrepio)**

Que é?... Quem é? É mãe? **(Silêncio)** Ô Mainha,  
tu voltaste...Sim, não...não esquecemos da  
missa.

**Josélia**

**(Volta)** Estás falando com quem, Dagmar?

**Dagmar**

Mãe está reclamando da gente.

**Josélia**

Mãe? O que ela está te dizendo, criatura?

**Dagmar**

Que esquecemos de mandar rezar missa... E que é bom a gente correr senão ela descega o pai só pra castigar a gente...

**Josélia**

Gente, corre aqui... Dagmar, minha irmã...  
Recuperaste o dom.

**(As irmãs se abraçam)**

**Homem**

Quando a gente pensa que tudo acaba, é justo aí que começa...

**Som. Foco na almofada de bilros. Luz cai lentamente e... Fim**